

Tratado da fenomenologia do Vinho

Treatise on Wine Phenomenology

Michele da Costa Oliveira¹

RESUMO: A ideia e função desse trabalho é enaltecer a complexa relação e composição cognitiva atribuída ao vinho e seus aspectos mais complexos, entendermos uma parte do processo que se forma ao abordamos o vinho sob a luz da filosofia, buscar atribuir suas características e atribuir suas virtudes e utilidades ao homem, de forma gradativa e intrínseca desse aglomerado de informações, e demonstrar que o vinho não promove somente o embriagamento mas também uma série de sensações.

PALAVRAS-CHAVE: Vinho, cognição, embriagamento

ABSTRACT: The idea and function of this work is to highlight the complex relationship and cognitive composition attributed to wine and its most complex aspects, to understand part of the process that is formed when we approach wine from the perspective of philosophy, to seek to attribute its characteristics and attribute its virtues and utilities to man, in a gradual and intrinsic way from this cluster of information, and to demonstrate that wine does not only promote intoxication but also a series of sensations.

KEYWORDS: Wine, cognition, intoxication.

¹ Graduanda em Viticultura e Enologia, IFSertãoPE - Campus Petrolina Zona Rural, E-mail: michele.oliveira@aluno.ifsertao-pe.edu.br

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as sensações, emoções e instintos humanos desempenharam papéis fundamentais na orientação das decisões e na forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Entre as diversas formas de intensificar essas experiências, a bebida alcoólica se destaca como um elemento de profunda relevância cultural e histórica. A relação entre a humanidade e as bebidas alcoólicas, especialmente o vinho, revela uma conexão complexa e duradoura, que atravessa séculos e culturas. Desde os rituais religiosos das tribos indígenas brasileiras até as celebrações festivas da Grécia Antiga, a bebida tem sido um símbolo de integração social, um elemento de prazer sensorial e uma fonte de inspiração literária.

Histórias e tradições antigas, como relatadas por historiadores como Câmara Cascudo e filósofos como Roger Scruton, ilustram como o vinho e outras bebidas não são meros objetos de consumo, mas partes integrantes da experiência humana. O vinho, em particular, possui uma capacidade única de provocar estados emocionais e cognitivos profundos, sendo celebrado e estudado não apenas como uma bebida, mas como uma manifestação cultural e sensorial. Através da análise das diversas facetas do vinho e de sua importância ritualística à sua representação nas artes e na literatura podemos entender a complexidade e o significado que ele carrega para a humanidade.

Este texto explora a profundidade da relação entre o vinho e o homem, abordando sua evolução histórica, seu papel nas diversas culturas e seu impacto sensorial e emocional. Ao examinarmos essa conexão intrínseca, percebemos que o vinho vai além de uma simples bebida alcoólica, representando um elo entre o prazer sensorial e a expressão cultural, e destacando a importância dessa bebida na construção da experiência humana.

As nuances do vinho

As sensações, emoções e instintos sempre foram os guias direcionais dos humanos, sejam eles para tomada de decisões ou a estarem propícios a certas situações, e tudo que intensificasse as sensações sentidas pelo homem seria algo bastante querido e de grande estima, a relação entre o homem e as bebidas

alcoólicas sempre foi historicamente demonstrado, uma parceria que atravessa os séculos.

A relação entre o homem e a bebida é algo bastante íntimo e consolidado, independente do contexto, época e território nacional, a bebida sempre se fará presente, em suas diversas formas e contextos a bebida é amplamente utilizada, desde um alimento, instrumento para ritos religiosos, ferramenta recreativa, ou até mesmo como símbolo social, um ótimo exemplo é dado pelo historiador Câmara Cascudo²(1898-1986) que relata em seu livro “História da alimentação no Brasil” um fato impressionante sobre a relação cultural e religiosa dos povos tradicionais brasileiros com as bebidas:

Ressalte-se que cada oca fazia sua própria bebida. Por motivo de comemorações, pelo menos mensalmente, os integrantes masculinos da tribo reuniam-se de oca em oca, sempre acabando com o estoque de caxiri de uma para passar para a seguinte. Para beber, sentavam-se ao redor dos potes, alguns sobre rachas de lenha e outros no chão. A bebida era distribuída pelas mulheres, ordenadamente. Cantorias, gritos e danças ao redor dos potes e fogueiras eram comuns. Raras eram as desavenças durante esses eventos (Câmara, 1967, p. 147).

Podemos observar a importância e agregação intrínseca das bebidas dentro das relações humanas, a bebida tem como função servir de ferramenta e material de integração, não somente isso, mas cada bebida terá sua própria história e função individual, apresentando virtudes próprias e exclusivas de sua natureza, servindo inclusive como matéria e conteúdo para estudos e inspirações literárias, em um trecho de seu livro “ Bebo, logo existo: guia de um filósofo para o vinho” Roger Scruton traz esse apontamento da característica profunda da bebida, em especial do vinho, que é abordada de forma categórica e especial

[...] Por que não dizer, portanto, que a sedução do vinho sobre nós é semelhante à atração que a poesia, a pintura ou a música exercem sobre nós, apresentando um objeto de experiência que é significativo em si? Por que não dizer que o atributo do inebriamento está no vinho, do mesmo modo que o atributo do inebriamento está no verso da poesia? (Scruton, 2011, p.174)

² Luís da Câmara Cascudo foi um historiador (1898-1986), sociólogo, musicólogo, antropólogo, etnógrafo, folclorista, poeta, cronista, professor, advogado, jornalista e escritor brasileiro. Passou toda a sua vida em Natal e dedicou-se ao estudo do folclore e da cultura brasileira.

A interação do homem com a bebida é antiga, como dita anteriormente, e a relação em especial do vinho e o mundo antigo é bem datada, em especial em meio aos filósofos e pensadores gregos, o vinho se fez íntimo e agradeceu diversos momentos históricos e literários, e onde podemos observar a interpretação e observação do olhar desses grandes mestres do pensamento ocidental, trazendo um trecho do livro “O Banquete” do filósofo grego Platão³

[...] Uma bela ocasião seria para nós, ao que parece - continuou Erixímaco - para mim, para Aristodemo, Fedro e os outros, se vós os mais capazes de beber desistis agora; nós, com efeito, somos sempre incapazes; quanto a Sócrates, eu o exceto do que digo, que é ele capaz de ambas as coisas e se contentará com o que quer que fizermos. Ora, como nenhum dos presentes parece disposto a beber muito vinho, talvez, se a respeito do que é a embriaguez eu dissesse o que ela é, seria menos desagradável. Pois para mim eis uma evidência que me veio da prática da medicina: é esse um mal terrível para os homens, a embriaguez; e nem eu próprio desejaria beber muito nem a outro eu o aconselharia, sobretudo a quem está com ressaca da véspera (Platão. 2021.P. 31)

A experiência inicial que se tem com as bebidas e até mesmo o vinho não mudou significativamente com o passar dos séculos, a ideia sensorial primitiva da embriaguez supera as sensações e experiências que o vinho pode oferecer para aquele que o bebe, o ato de desfrutar permite acessar uma categoria nova e bastante ampla de um resultado novo. Não apenas quem bebe irá sentir seu corpo ser tomado pela embriaguez como poderá desfrutar de uma anomalia que pouco se encontra em outras bebidas, a estimulação dos cinco sentidos, o aguçamento da percepção e por fim o estado ébrio. Por isso o vinho sempre esteve presente nas mais diversas cerimônias e diversidades, isso remonta a tempos antigos onde festas dedicadas para a divindade grega do vinho e das videiras, o deus Dionísio. As celebrações não estão inclusas apenas aos tempos antigos, mas também a atualidade, não com o cunho religioso, mas, com uma característica econômica e que está integrada a cultura de diversas regiões, no Brasil é extremamente comum eventos e festas dedicadas a cultura agrícola da uva, o que já podemos observar uma grande diferença e tratamento do vinho em detrimento com as demais bebidas com teor alcoólico.

³ Platão (427 a.c.-347 a.c) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas.

Ao tentarmos buscar entender como uma pequena fruta utilizada para a criação de uma bebida fermentada tão apreciada e querida, conseguimos extrair um pequeno fragmento de toda sua potência. O vinho alcança um estado de superioridade e desenvoltura ao ser apreciado, os prazeres sensoriais são uma chave que destrava as sensações cognitivas que nos levam a um espetáculo degustativo. A experiência transborda e excede as interpretações comuns, o sabor torna-se uma parte fundamental do prazer gerado, para a completa e complexa experiência a degustação é parte cabal do processo

[...] O atributo inebriante e o prazer e o prazer sentido relacionam-se inteiramente pelo fato de o segundo não poder ser adequadamente descrito sem referência do primeiro. O vinho vive no meu inebriamento assim como o game vive na emoção do fã: eu não engoli o vinho como engoliria uma droga sem sabor; eu o bebi de forma que o seu sabor e a minha disposição de ânimo estivessem inextricavelmente ligados (Scruton, 2011, p. 179)

A busca pelo inebriamento através do vinho faz parte de sua própria causa, não somente temos as sensações que obtemos com sua degustação, mas, também o estado de embriaguez; já que o caminho pelo vinho até estar ébrio é uma sensação induzida e propícia para diferentes sensações que variam de pessoa para pessoa. A experiência é diferente, “apenas com um certo esforço podemos dizer que ficamos inebriados com o vinho, e não por ele” (Roger. 2011.P.180).

Mas o que o vinho realmente representa, o que pode ser dito sobre suas características e modos de composição, enxergamos sua possível essência através de nossas experiências limitadas, e tudo que podemos observar e sentir é uma mera representação simplória do que realmente é, não somente um algo obtido através de processos químicos de fermentação do suco e polpa da *Vitis vinífera* entre outras espécies. Todas as outras características que compõem aquilo que norteia o vinho provem do nosso emocional histórico, algo tão íntimo da história da humanidade, presente em diversos momentos e significando tantas outras coisas.

Ao atribuímos as características do vinho, fazemos além disso, subtraímos sua própria essência e tornamos o próprio vinho uma virtude, ao que

categorizamos e atribuímos a outras pessoas, com expressões positivas ou até negativas, e até mesmo para situações, quando utilizamos a expressão antiga: “mudou da água pro vinho” queremos demonstrar uma mudança agradável e bem acolhida, mesmo comparando com a água que é algo essencial para a nossa existência e sobrevivência, o vinho consegue assumir um papel superior e demonstrar um salto de expectativas.

Ao falarmos do vinho evocamos simbologias e características contrárias, onde o vinho se fez presente em cultos religiosos atuais como no rito de “consagração” do cultos cristãos e também está presente nas festividades consideradas pagãs da antiguidade dedicadas a divindades como Dionísio e sua versão romana Baco, e além das comparações o vinho sempre se mostra um ponto de referência a virtudes e caráter, sendo usados o “o bom vinho” ou “o vinho ruim”, sempre entonando uma amplificação de expressões, ou o sagrado e profano. O vinho em suas histórias folclóricas apresenta uma característica sempre é uma cópia ou tentativa humana de imitar bebidas sagradas, como em algumas versões de mitos gregos o vinho é uma cópia humana da “ambrosia” uma bebida divina que permite que os deuses do Olimpo sejam eternos e imortais.

O que podemos entender do vinho, associamos não somente uma bebida, mas a algo quase sentimental, obtemos uma categoria que vai além de um consumível, o seu fenômeno é algo que vai através da percepção e do provar, o estímulo formado e fomentado é construído por um aspecto histórico envolto em diversas coisas que submeteram a essa bebida um olhar especial, afeta nossa cognição e gera prazeres pelos seus atributos sensoriais, o vinho é uma bebida que podemos chamá-la de prévia, antes de ser bebida já está formada uma expectativa plural e que anseia pelo seu processo degustativo e embriagante, o vinho marca não só nossos sentidos e paladar, como também ao sentarmos sozinhos ou acompanhado gera um pequeno rito, envolto de expectativas e ansias numerosas sobre a bebida.

Conclusão

Sendo assim observado e apontado entendemos a profundidade que se forma em volta do vinho e seus aspectos, nunca é apenas uma bebida, e em especial o vinho não propicia somente o embriagamento, mas, mesmo a sua capacidade de embriagar é diferente e sentida como especial, alterando de forma leve e complexa os sentidos. O estudo sobre o vinho é complexo e cheia de nuances, desde sua ampla e antiga historia até seus aspectos psicoativos, processos de produção e até mesmo o plantio das videiras são processos complexos e amplos, a analise em especial da relação entre o vinho e o homem é fomentada pelas suas contribuições em aspectos religiosos, alimentícios, sensoriais, festivos entre outros, mostrando uma importância na historia da humanidade.

Referências

- AGUIAR, EMILLY T. G. P. S.; SOUSA, J. W. S.; SILVA, K. G.; MOREIRA, MARI L. B.; DUARTE, MARIA N. N.; SOUSA, W. L.; ROCHA, G. K. *Bourgognese Vineyards And Wines: The Philosophy of Gaston Roupnel by Philip Whalen. Re(senhas)*. V. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/1>
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1967.
- FERNANDES, E. A Viagem Embriagante do Amor no Sufismo . *Kalagatos* , v. 21, n. 2, p. eK24028, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/13328>. Acesso em: 2 dez. 2024.
- PLATÃO. **O BANQUETE**. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, 2021.
- SCRUTON, Roger. **Bebo, logo existo: guia de um filósofo para o vinho**. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Octavo, 2011.
- ROCHA, G.; ROCHA, A.; CRUZ, J. Bachelard: reflexões sobre o ensino de agronomia e viticultura. *Dialektiké*. v. 2, n. 3m 2016. DOI: <https://doi.org/10.15628/dialektike.2016.5344> Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/5344>